

As múltiplas formas do aprender

A sala de aula não é mais a mesma. A tecnologia, outrora restrita às aulas de informática, passa a fazer parte do cotidiano de alunos e professores. A Educação a Distância (EAD) vem se caracterizando não mais como uma atividade isolada, mas como uma forma de criar grupos de aprendizagem, integrando a aprendizagem pessoal com a grupal.

Esse processo, ainda incipiente em muitas instituições, exige um novo tipo de profissional, mais flexível e maduro. Um profissional que não apenas conheça a tecnologia, mas também seja capaz de transformar o espaço escolar, modificar e inovar o processo de ensino e aprendizagem.

Esses são os principais pontos do pensamento de **José Manuel Moran**, doutor em Comunicação pela USP, avaliador de cursos a distância no MEC e coordenador de EAD da Faculdade Sumaré de São Paulo. Em entrevista exclusiva, o professor Moran faz uma detalhada análise da importância da tecnologia na educação e do papel do professor nessa nova realidade.

Atividades & Experiências – Quais transformações as novas tecnologias trouxeram para a educação? O que se pode esperar para os próximos anos?

José Manuel Moran – As tecnologias

começam separadas (computador, celular, Internet, MP3, câmera digital) e caminham na direção da convergência, da integração, dos equipamentos multifuncionais que agregam valor. O telefone celular é a tecnologia que atualmente mais agrega valor: é móvel e rapidamente



incorporou o acesso à Internet, a foto digital, os programas de comunicação (voz, TV), o entretenimento (jogos, música, MP3) e outros serviços.

Essas tecnologias convergentes e combinadas modificam profundamente todas as dimensões de nossa vida. As tecnologias, principalmente a Internet, estão trazendo fundamentalmente, nesses últimos 20 anos, muito mais mobilidade, ou seja, a possibilidade de realizar atividades ou tarefas sem necessariamente ir

a um lugar determinado. As redes, principalmente a Internet, estão começando a provocar mudanças profundas na educação presencial e a distância. Na presencial, desenraizam o conceito de ensino-aprendizagem localizado e temporalizado. Podemos aprender desde vários lugares, ao

mesmo tempo, on-line e off-line, juntos e separados. Como nos bancos, temos nossa agência, a escola, que é nosso ponto de referência, só que agora não precisamos ir até lá o tempo todo para poder aprender. As redes também estão provocando mudanças profundas na educação a distância. Antes, a EAD era uma atividade muito solitária e exigia muita autodisciplina. Agora, com as redes, a EAD continua como uma atividade individual, mas combinada com a possibilidade da comunicação instantânea, de criar grupos de aprendizagem, integrando a aprendizagem pessoal com a grupal.

A&E – O quadro e o giz estão com os dias contados?

Moran – Infelizmente, não, porque muitas escolas oferecem o mínimo de infra-estrutura tecnológica de apoio a professores e alunos e, também, porque muitos professores ainda se consideram o centro, focando mais o ensinar do que o aprender, o “dar aula” do que o gerenciar atividades de pesquisa e projetos. A sala de aula ➤

O novo profissional da educação integrará melhor as tecnologias com a afetividade, o humanismo e a ética. Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e a distância.

pode ser o espaço de múltiplas formas de aprender. Espaço para informar, pesquisar e divulgar atividades de aprendizagem. Para isso, além do quadro e do giz, precisa ser confortável, com boa acústica e tecnologias, das simples até as sofisticadas. Uma sala de aula hoje precisa ter acesso fácil ao vídeo, DVD, projetor multimídia e, no mínimo, um ponto de Internet, para acesso a sites em tempo real pelo professor ou pelos alunos, quando necessário. Infelizmente, a maioria das escolas e universidades pensa que giz, quadro, mesa, cadeiras, um professor e muitos alunos é suficiente para garantir aprendizagem de qualidade.

A&E – Os professores estão preparados para trabalhar com toda essa tecnologia ?

Moran – Hoje, temos um número significativo de professores desenvolvendo projetos e atividades mediados por tecnologias. Mas a grande maioria das escolas e dos professores ainda está tateando sobre como utilizá-las adequadamente. A apropriação das tecnologias

pelos escolas passa por três etapas até o momento. Na primeira, as tecnologias são utilizadas para melhorar o que já se vinha fazendo (melhorar o desempenho e a gestão, automatizar processos, diminuir custos). Na segunda etapa, a escola insere parcialmente as tecnologias no projeto educacional. Cria uma página na Web com algumas ferramentas de pesquisa e comunicação, divulga textos e endereços interessantes, desenvolve alguns projetos, há atividades no laboratório de informática, mas mantém intocados estrutura de aulas, disciplinas e horários. Na terceira, que começa atualmente, com o



amadurecimento de sua implantação e o avanço da integração das tecnologias, as universidades e escolas repensam seu projeto pedagógico, seu plano estratégico, e introduzem mudanças significativas como a flexibilização parcial do currículo, com atividades a distância combinadas com as presenciais. Os professores, em geral, ainda estão utilizando as tecnologias para ilustrar aquilo que já vinham fazendo, para tornar as aulas mais interessantes, mas ainda falta o domínio técnico-pedagógico que lhes permitirá, nos próximos anos,

modificar e inovar os processos de ensino e aprendizagem.

A&E – Qual é, ou qual será, o perfil do novo profissional da educação ?

Moran – O novo profissional da educação integrará melhor as tecnologias com a afetividade, o humanismo e a ética. Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e a distância. Será um profissional menos falante, menos informador e mais gestor de atividades de pesquisa, experimentação e projetos. Será um professor que desenvolve situações instigantes, desafios, solução de problemas e jogos, combinando a flexibilidade dos espaços e tempos individuais com os colaborativos grupais. Quanto mais avança a tecnologia, mais se torna importante termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos. Tendo isso, a tecnologia entra como apoio, facilitação da aprendizagem humanizadora. O professor está começando a aprender a trabalhar em situações muito diferentes: com poucos e muitos alunos, com mais ou menos encontros presenciais, com um processo personalizado (professor autor-gestor) ou mais despersonalizado (separação entre o autor e o gestor de aprendizagem). Vejo o professor do futuro como alguém que poderá estar vinculado a uma instituição predominantemente, mas não exclusivamente. Ele participará de inúmeros momentos de atividades de ensino em outras organizações, de orientação de pesquisas em diferentes lugares e níveis. Desde qualquer lugar, poderá conectar-se com seus alunos, vê-los e falar com eles. O professor será multitarefa, orientará muitos grupos de alunos, dará consultoria a empresas,

capacitações on-line, alternando esses momentos com aulas, orientações de grupos, desenvolvimento de pesquisas com colegas de outras instituições. A ciência será cada vez mais compartilhada e desterritorializada. Os professores-pesquisadores não precisarão morar perto, o importante é que saibam trabalhar juntos virtualmente, que saibam cooperar à distância, que tenham espírito de colaboração mais do que de competição.

A&E – Há alunos que possuem em casa muito mais recursos do que os disponíveis na escola. Como a escola conseguirá manter o interesse de alunos cada vez mais conectados?

Moran – A grande maioria dos alunos brasileiros não possui recursos tecnológicos avançados nem em casa nem na escola, principalmente na escola pública. A Internet chega atualmente a 15% dos brasileiros. É um crescimento notável, mas, por outro lado, mostra que 85% ainda estão fora. Para os alunos que têm acesso a novas tecnologias, a escola pode estimular ao máximo a pesquisa ligada ao cotidiano deles, aos seus interesses, à sua vida. A escola precisa fazer a ponte continuamente entre teoria e prática, entre realidade local, nacional e internacional. Qualquer tema mais amplo pode ser trabalhado também na dimensão local, próxima do aluno. A escola precisa avançar mais na incorporação de atividades a distância como parte do processo de aprendizagem. Não podemos hoje resolver tudo dentro de salas de aula. No ensino superior, isso já se percebe como uma tendência que será cada vez mais forte, mas também precisa chegar ao Ensino Médio, em primeiro lugar, e depois ao Fundamental. Confinar 40 alunos de educação básica todas as manhãs ou tardes com aulas de 50 minutos sucessivas é anacrônico, contraproducente e

mostra de extrema incompetência institucional.

A&E – O computador trabalha a lógica, muitas vezes em detrimento dos relacionamentos. O que fazer nesses casos?

Moran – Os computadores, como máquinas isoladas, até agora têm desenvolvido mais procedimentos lógicos, programas de organização de atividades que funcionam com regras, padrões e previsibilidade. A utilização intensiva desses programas reforça a organização lógica do pensar e do agir. Mas os computadores hoje estão ligados em redes e cada vez mais cheios de imagens, sons e movimento. O perigo, com as crianças e jovens, é justamente diminuir o comportamento lógico, a dispersão, o encantamento pela multiplicidade incessante de imagens e sons, o consumo acrítico de tantas sensações informacionais. A multimídia é muito rica, mas se é consumida rapidamente, sem tempo de reflexão e aprofundamento, pode contribuir para transformar o computador em um forte meio de sedução informativa e de interação emocional com os outros sem avançar significativamente na organização do conhecimento, na contextualização da informação. O importante é desenvolver o senso crítico no processo de construção e de organização da aprendizagem, mantendo o equilíbrio entre o contato físico e o virtual, entre as atividades intelectuais (predominantemente lógicas) e as socioafetivas que se dão por meio das redes, do relacionamento, da interação presencial e da conexão a distância, do estar juntos virtualmente. Tudo o que é em excesso prejudica.

A&E – Como as pessoas devem lidar com a tecnologia e a velocidade das mudanças?

Moran – Educar é ajudar a construir caminhos para que nos tornemos mais

livres, para poder fazer as melhores escolhas em cada momento. Se a tecnologia nos domina, caminhamos na direção contrária, da dependência dela. A tecnologia é importante, mas sempre é um meio, um apoio, não pode converter-se numa finalidade em si.

A tecnologia nos ajuda a realizar o que desejamos, o que temos em mente, os modelos de educação que queremos implantar. Se somos gestores preocupados mais com o lucro, ela nos propicia formas de trabalhar com escala, de diminuir custos.

Se somos centralizadores, existem inúmeros softwares de registro e controle, que ajudam a tornar a escola mais autoritária. Se somos pessoas com uma visão de gestão democrática, utilizaremos a tecnologia para incentivar a participação, a troca de informações, as decisões compartilhadas. A tecnologia está em tudo, a toda hora, em qualquer lugar. Ela nos ajuda e complica como pessoas e como sociedade. É importante estarmos atentos, individual e coletivamente, para utilizá-la de forma sensata, equilibrada e inovadora. Na educação, creio que já superamos a fase da desconfiança radical da tecnologia, mas o deslumbramento, o encantamento e a expectativa de que ela possa resolver magicamente nossos problemas é uma outra forma simplista de alimentar novas e perigosas dependências.

Hoje, é desafiador aprender a equilibrar a demanda de incessante informação instantânea e comunicação virtual com a convivência afetiva e carinhosa com as pessoas com as quais nos relacionamos no espaço familiar, profissional e de lazer, aprendendo também a encontrar tempo para meditar, refletir e descansar de forma simples e desconectada da tecnologia. ■